

AUGE

Carnaval: onde o tempo é do Samba

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa

O Carnaval tem um ritmo que nunca envelhece.

ENTREVISTA

Beltrina Côrte

Mais do que uma festa, o Carnaval promove a convivência entre as gerações.

COLUNA

Ricardo Mucci

O paradoxo da felicidade.

ÍNDICE DE NAVEGAÇÃO

Toque ou clique sobre a seção desejada para ir direto ao conteúdo.

EDITORIAL

Caio Carraro Gomes da Costa**O Carnaval tem um ritmo que nunca envelhece.**

MATÉRIA DE CAPA

Sabrina Aparecida**Carnaval:
onde o tempo é do Samba.**

ENTREVISTA

Beirinha Côrte**Mais do que uma festa, o Carnaval promove a convivência entre as gerações.**

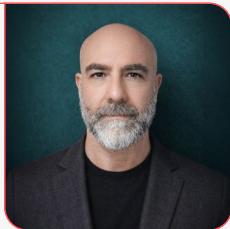
COLUNA

Ricardo Mucci**O paradoxo da felicidade.**

RECOMENDAÇÃO

Sabrina Aparecida**Gira Bandeira,
os Guardiões do Carnaval.**

EDITORIAL

**Caio Carraro**

EDITOR-CHEFE



O Carnaval tem um ritmo que nunca envelhece.

Quando as luzes se acendem e o primeiro repique no tambor ecoa, o Brasil inteiro respira diferente. O corpo arrepia, a alma vibra e o tempo segue outra cadência. Mas o Carnaval começa antes do som, começa na memória. É ali, nesse território invisível e profundo, que a experiência da pessoa idosa sustenta o espetáculo que encanta o mundo.

Nos barracões, longe dos holofotes, o silêncio também samba e a intergeracionalidade deixa de ser apenas um conceito da gerontologia, tornando-se a força vital que faz a magia acontecer. As mãos marcadas pelo tempo costuram mais do que tecido: alinhavam lembranças, sonhos antigos, promessas que atravessam gerações. Cada ponto é um gesto de fé. Cada alegoria nasce do saber amadurecido.

O vigor que explode na avenida germina nesses bastidores sagrados, onde os mais velhos ensinam sem impor, conduzem sem prender, corrigem sem apagar o brilho. São guardiões do ritmo, arquitetos do invisível, escultores do espírito da escola. O Carnaval aprende com eles que tradição não é âncora, mas raiz. E quando o desfile enfim acontece, muitos desses mestres não ficam à margem. Entram na avenida com o corpo que têm e a história que carregam. Sambam no seu tempo, no seu próprio ritmo, com o sorriso de quem sabe que dançar é a medicina de permanecer. Ao lado dos jovens, transformam a passarela em ponte, onde o hoje encontra o ontem e juntos celebram até o amanhã.

Nessa troca, o jovem oferece o fogo. O velho, o sentido. As baianas giram como relógios encantados, envoltas em saias que parecem dizer ao próprio tempo quem é que manda naquele momento. As Velhas Guardas cantam como quem reza, lembrando que a cultura só segue viva quando atravessa corpos, vozes e afetos.

O Carnaval nos ensina que o auge não mora só no instante, mas na repetição amorosa de construir junto. No fim, todos trabalham pela mesma entrega: celebrar a vida. E fazê-lo misturando memória, presença e sonho é o que nos revela, não apenas um povo festivo, mas profundamente resiliente, que faz a vida valer a pena, até que as luzes se apaguem.

Boa leitura!

MATÉRIA DE CAPA

Gerações

**Sabrina Aparecida**

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

O Carnaval é um dos maiores ícones da cultura brasileira, mas dizer que “é só uma festa” é pouco para defini-lo. Cores, sons, brilhos e fantasias caminham lado a lado com a criatividade, criando um espaço onde todo mundo pode se reconhecer como parte de algo maior. É pertencimento coletivo.

Olhando pela perspectiva da gerontologia, percebemos que ele também é um espaço intergeracional, onde pessoas de diferentes idades se encontram e vivenciam protagonismo, empoderamento e até propósito de vida.

Um verdadeiro “arquivo vivo” do Brasil, o carnaval carrega memórias, celebra legados, dá voz a pautas importantes e fortalece as relações sociais. No fim das contas, é um espaço de encontro, cultura, saúde e cidadania, tudo vivido em conjunto, com muita animação.

Vai dizer que você nunca se pegou cantando:

“Ei, você aí
Me dá um dinheiro aí
Me dá um dinheiro aí”

Nem sempre sabemos exatamente de onde essas músicas vieram ou quando foram lançadas. Elas não chegaram até nós por meio de álbuns disponíveis no Spotify, mas pelas pessoas e foi assim que se perpetuaram.

Uma tradição que ganhou a identidade brasileira

O carnaval é uma manifestação cultural muito antiga, que atravessa séculos de história. Suas raízes estão ligadas às celebrações europeias das colheitas, momentos de festa, encontro e agradecimento pela fartura.

Com a expansão do Cristianismo, especialmente na transição da Idade Média para a Idade Moderna, o Carnaval passou a marcar o período que antecede a Quaresma, os 40 dias de preparação para a Páscoa no calendário cristão.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações

**Sabrina Aparecida**

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

Tradicionalmente, era um tempo de maior liberdade antes de um período dedicado à oração, ao jejum e à reflexão. Inclusive, a própria palavra “Carnaval” carrega esse significado: pode vir do latim carne vale, que significa “adeus à carne”, ou de carnis levare, que remete à ideia de “retirar a carne”.

No Brasil, essa celebração chegou com os imigrantes, especialmente os portugueses, e também contou com a participação de muitas pessoas negras escravizadas. Aos poucos, a tradição foi ganhando um caráter cada vez mais popular e mais tarde, recebeu forte influência do samba e das religiões de matriz africana.

Com o tempo, ganhou a cara do Brasil e se tornou parte da nossa identidade. Hoje, o carnaval do Rio de Janeiro, por exemplo, é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Na avenida, todas as gerações

Nos sambódromos, o que a gente vê não é só um desfile bonito. Vemos crianças encantadas, jovens entusiasmados, adultos comprometidos e pessoas idosas com brilho nos olhos, todos dentro do mesmo enredo e compartilhando o orgulho de vestir a fantasia da sua ala, representando sua escola.

A presença das pessoas idosas é especialmente simbólica. Elas atuam em diversas frentes, fazendo muitas coisas acontecerem, desfilam, cantam, ajudam na organização, costuram fantasias, acompanham a criação dos carros alegóricos e auxiliam na parte administrativa.

Aqueles com longa trajetória na agremiação, geralmente com 60 anos ou mais e cerca de 30 anos de vínculo com a escola, ocupam um lugar especial no desfile, formam a **velha guarda**. São eles que preservam a memória e reafirmam a história do samba, deixando um legado que permite às novas gerações inovarem sem romper com suas raízes. Esse processo é o que chamamos de **geracionalidade**.

Geracionalidade

Continuidade entre gerações, marcada pela transmissão de saberes, valores e histórias ao longo do tempo.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações

**Sabrina Aparecida**

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

A Escola de Samba Vai-Vai anunciou em suas redes sociais que em 2026, a Velha Guarda virá no início do desfile, resgatando um modelo marcante dos anos 1990. A proposta é fortalecer o canto logo na abertura e evidenciar a ancestralidade e a resistência de quem abriu caminhos.

E isso nos convida a refletir sobre o que o Carnaval realmente representa.

Em uma sociedade que tantas vezes supervaloriza a juventude, será que temos dedicado à velhice o mesmo respeito e admiração?

Destacar esse olhar é reconhecer que as pessoas idosas também são sinônimo de vitalidade, história, experiência e potência. Afinal, a velhice não representa fim, é presença viva na construção da nossa história coletiva.

Carnaval também é saúde

Do ponto de vista do envelhecimento saudável, a atuação na velha guarda reúne elementos considerados protetores para a saúde física e mental, como:

- Manutenção de vínculos sociais
- Sentimento de pertencimento
- Propósito de vida
- Rotina estruturada
- Engajamento em atividades significativas
- Reconhecimento social

Estudos nas áreas da Gerontologia e da Psicologia mostram que a participação social está associada a um menor risco de doenças e outros problemas de saúde, a uma **menor probabilidade de incapacidade**, além de contribuir para a **prevenção do declínio cognitivo** e da mortalidade precoce. Além disso, é considerada um fator importante para a boa **qualidade de vida** e o **bem-estar**.

Bem-estar

PINTO, Juliana Martins; NERI, Anita Liberaless. Trajetórias da participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 20, p. 259-272, 2017.

DE ALBUQUERQUE, Maylla Rage; PEDRO, Wilson José Alves. A (in) visibilidade do envelhecimento e da velhice nos carnavais cariocas: um estudo exploratório (2022-2026). KAIRÓS-GERONTOLOGIA, v. 28, n. 3, 2025.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações

**Sabrina Aparecida**

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

Os jovens fortalecem tradições

É igualmente importante destacar a presença de jovens e adultos, que ocupam diferentes espaços e juntos, favorecem a socialização, o trabalho em equipe e a valorização da cultura popular brasileira.

Quando essa diversidade etária compartilha o mesmo ambiente, se constrói uma potente estratégia de enfrentamento ao idadismo, diferentes gerações trocam experiências, ampliam repertórios e mostram novas formas de compreender o mundo. Trata-se de uma via de mão dupla, na qual todos ensinam e todos aprendem.

Quer um exemplo? A ala das baianas, um dos segmentos mais tradicionais e simbólicos do desfile das escolas de samba, representa a ancestralidade e homenageia as chamadas “tias do samba”, mulheres que acolhiam sambistas em uma época em que o samba era fortemente marginalizado e perseguido. Com sua presença marcante na avenida, essa ala, embora frequentemente associada às mulheres mais velhas, reúne pessoas de todas as idades, promovendo o encontro entre gerações.



Imagen: “Mãe Baiana Mãe” (Ala das Baianas), Império Serrano 1983 - Foto: Sebastião Marinho

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

Pelo Brasil, as tradições se encontram

Os tópicos anteriores são bem característicos do Carnaval carioca e paulista, mas, a seguir, veremos outras formas de festejar que contam com a participação de todas as faixas etárias, acredite, até as crianças entram na folia.

Para além dos famosos sambódromos da Sapucaí e do Anhembi, no Sudeste, temos os bloquinhos de rua, que tomam conta dos bairros e dos cartões-postais das cidades. Eles são marcados pela criatividade nas fantasias e por muita música, misturando marchinhas tradicionais, samba, pop e outros estilos. Cada bloco tem um tema diferente, agradando a todos os gostos. É um momento em que amizades antigas têm espaço para se fortalecer e novas conexões podem surgir.



Imagen: Freepik/Gavergani

MATÉRIA DE CAPA

Gerações

**Sabrina Aparecida**

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

Já no Nordeste, o ritmo acelerado do frevo contagia multidões com sua energia vibrante e sombrinhas coloridas. Em Recife, um dos maiores símbolos dessa tradição é o Galo da Madrugada, considerado um dos maiores blocos carnavalescos do mundo, arrastando milhares de foliões pelas ruas e celebrando a cultura popular nordestina.



Imagen: Galo da Madrugada no Carnaval do Recife - Pernambuco, Brasil

E a festa não para por aí. Em Salvador, o Carnaval ganha a força dos trios elétricos, que transformam a cidade em um grande circuito de música e dança, reunindo artistas, foliões e diferentes gerações em uma celebração marcada pelo axé, pela energia contagiante e pela intensa participação popular.

Vozes que dão sentido à festa

Percebemos que festas populares não se resumem apenas à celebração. Elas também influenciam a forma como nos enxergamos no mundo. Participar, cantar, dançar, organizar, desfilar ou simplesmente acompanhar tudo de perto fortalece a autoestima, amplia o sentimento de pertencimento e nos lembra que cada pessoa tem um papel importante na coletividade.

MATÉRIA DE CAPA

Gerações



Sabrina Aparecida

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Carnaval: onde o tempo é do Samba.

Sentir-se parte, contribuir, ser reconhecida e também reconhecer o outro, tudo isso alimenta a confiança e o bem-estar.

Agora, que tal escutar diferentes perspectivas?

Neste espaço, convido você a ouvir o relato de Rosely Neto, frequentadora da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, compartilhando o que o Carnaval significa para ela.

A entrevista foi conduzida por Maylla Rage, gerontóloga formada pela Universidade Federal de São Carlos, pesquisadora da temática do envelhecimento e autora do trabalho “A (in)visibilidade do envelhecimento e da velhice nos carnavales cariocas: um estudo exploratório (2022–2026)”, publicado recentemente na Revista Kairós-Gerontologia (2025, v. 28, n. 3).

Ao escutar essa trajetória, perceba como o samba atravessa o tempo e ganha novos sentidos em cada fase da vida.



Imagen: Maylla Rage e Rosely Neto no Carnaval 2026. Foto: Arquivo pessoal.

ÁUDIO ENTREVISTA

clique para ouvir



ENTREVISTA

Envelhecimento



Beltrina Corte
CEO DO PORTAL DO ENVELHECIMENTO



1/1

AUGE
BELTRINA

Mais do que uma festa, o Carnaval promove a convivência entre as gerações.

Como as expressões culturais e a convivência social influenciam a forma como envelhecemos?

O Carnaval brasileiro atua como um espaço privilegiado de celebração do curso da vida, integrando harmoniosamente desde as alas infantis até a experiência da velha-guarda. Para a pessoa idosa, as escolas de samba funcionam como catalisadores de uma participação social vibrante e ativa, seja ocupando postos de destaque como baluartes, integrando a ala das baianas ou como compositoras e frequentadoras das quadras. Nesse sentido, as escolas de samba zelam pela presença das pessoas mais velhas e valorizam seu papel histórico na agremiação.

Mais do que uma festa, a convivência regular entre diversas gerações nas quadras e eventos sociais cria uma rede de suporte afetivo e instrumental que é essencial para enfrentar os desafios do envelhecimento. Esse ambiente fortalece tanto os vínculos entre pessoas da mesma idade quanto as relações intergeracionais, funcionando como um importante fator de proteção contra o isolamento social. Assim, as comunidades do samba tornam-se espaços estruturados que não apenas guardam a tradição, mas promovem as relações intergeracionais, fortalecendo a sociabilidade e a qualidade de vida em fases avançadas da existência.

Além do mais, a jornada carnavalesca, que engloba desde a confecção de fantasias até o desfile oficial, exige e exercita competências fundamentais para a saúde ao longo da vida, especialmente na velhice: há o aprendizado de novos sambas-enredo e o resgate de memórias de carnavais passados, mantendo a mente em constante atividade; a prática do canto, da dança e a coordenação motora necessária para os ensaios estimulam o corpo de forma lúdica; e a continuidade de papéis sociais relevantes dentro da escola promove a autovalorização e o bem-estar emocional.

COLUNA

Longevidade

**Ricardo Mucci**

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.



O paradoxo da felicidade.

Durante muito tempo, falar de felicidade parecia um luxo conceitual, quase um tema secundário diante das urgências e da realidade em que vivíamos. A pandemia mudou radicalmente esse cenário. Ao expor fragilidades emocionais, sociais e existenciais, ela empurrou a felicidade para o centro do debate público e privado. Não como promessa de euforia permanente, mas como necessidade vital. Foi exatamente nessa época que comecei a me interessar pelo tema e estou trabalhando num livro que irá explorar a felicidade sob diversos vetores: da história à ciência; do significado à conquista. Esse artigo é parte da minha pesquisa.



Imagen: Gerada por IA via Canva

A felicidade contemporânea deixou de ser entendida como um estado contínuo de prazer ou sucesso. Hoje, ela é cada vez mais associada à capacidade de regular emoções, atribuir sentido à própria trajetória e manter vínculos significativos, mesmo em ambientes instáveis. Trata-se menos de “estar bem o tempo todo” e mais de saber atravessar o mal-estar sem perder o eixo. A felicidade é fragmentada, mas presente.

Pesquisadores e pensadores atuais convergem nesse ponto. Para Arthur Brooks, felicidade não é ausência de sofrimento, mas a combinação entre propósito, relacionamentos e virtudes

COLUNA

Longevidade

**Ricardo Mucci**

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.



O paradoxo da felicidade.

praticadas no cotidiano. Já Martin Seligman propõe que o bem-estar resulta de cinco dimensões: emoções positivas, engajamento, relações, significado e realização, onde nenhuma delas se sustenta isoladamente.

No mundo real, porém, a felicidade passou a conviver com um paradoxo incômodo. Nunca tivemos tanto acesso a informação, tecnologia, conforto e opções e nunca estivemos tão cansados, ansiosos e competitivos. A hiperconectividade, ao mesmo tempo que aproxima, fragmenta a atenção. O excesso de estímulos dificulta a presença. A lógica da performance invade a vida privada, transformando descanso em culpa e silêncio em improdutividade.

Nesse contexto, a felicidade deixa de ser um objetivo distante e passa a ser uma competência emocional. Ela se manifesta na capacidade de estabelecer limites, de sustentar escolhas coerentes com valores pessoais e de aceitar que nem tudo precisa ser otimizado. Felicidade, hoje, exige concessão: renunciar à ilusão de controle total e da comparação permanente.

Outro aspecto central da discussão contemporânea é o tempo. A relação entre felicidade e longevidade ganhou destaque nos últimos anos, especialmente entre pessoas maduras. Estudos recentes mostram que bem-estar não diminui necessariamente com a idade, ao contrário, pode se aprofundar quando expectativas irrealistas dão lugar à aceitação e à presença. A médica Kerry Burnight, autora do livro *Joyspan*, lançado recentemente, defende que felicidade na segunda metade da vida está mais ligada à liberdade emocional do que à juventude física, que mobiliza muitas pessoas a tentar rejuvenescer a qualquer preço.

Isso nos leva a um ponto essencial: felicidade não é homogênea, nem universal. Ela muda com o contexto, com a fase da vida, com a cultura e com as experiências acumuladas. O erro recorrente é tratá-la como produto final, quando na verdade ela é um processo dinâmico de ajuste entre desejo, realidade e sentido.

Talvez o maior aprendizado pós-pandemia seja este: felicidade não é um destino a ser alcançado, mas uma prática cotidiana.

COLUNA

Longevidade



Ricardo Mucci

JORNALISTA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO SOCIAL, EXPERT EM LONGEVIDADE.



O paradoxo da felicidade.

Ela se constrói na qualidade das relações, na forma como lidamos com frustrações, no modo como usamos nosso tempo e na coragem de viver uma vida que faça sentido para nós e, não apenas que seja validada pelos outros.

Em um mundo acelerado, incerto e ruidoso, ser feliz tornou-se um ato de consciência. E, em certa medida, de resistência. Fator essencial nessa busca é a atitude de cada um diante dos percalços da vida. Para o pessimista, felicidade é uma utopia, para o otimista, é um objetivo permanente, ainda que fragmentado. Cabe a cada um de nós fazer a opção. Procrastinar, certamente, não é uma delas.

RECOMENDAÇÃO

Documentário

**Sabrina Aparecida**

GERONTÓLOGA FORMADA PELA USP



Gira Bandeira, os Guardiões do Carnaval.

Se você se interessa por memória, cultura popular e resistência, vale conhecer o documentário **Gira Bandeira – Guardiões do Carnaval**, com **Sarau no Kinta**.

A obra integra o eixo Pesquisa em Audiovisual e Novas Tecnologias, com curadoria de **Feliz Trovoada**, e propõe um olhar sensível sobre o universo do samba e seus protagonistas.

A apresentação aconteceu no **CEU Carrão – Carolina Maria de Jesus**, em 2024, durante o **Festival Ubuntu**. Após a exibição do curta-metragem, o público acompanhou uma conversa conduzida por **Diego Garcias**, reunindo o artista **Akins Kintê** e o curador Feliz Trovoada.

A partir do mundo do samba e da resistência dos espaços culturais, eles refletiram sobre a importância do cinema como arte dedicada ao registro da memória, especialmente da memória urbana.



Imagen: Divulgação

VÍDEO DOCUMENTÁRIO

clique para assistir

Onde assistir

Disponível no Youtube

Expediente

PUBLICAÇÃO:

iFractal Tecnologia Para Ser Humano

EDITOR-CHEFE E JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Caio Carraro Gomes da Costa - 0091381/SP

CONSELHO EDITORIAL (GERONTOLOGIA):

Ruth Caldeira de Melo

COLUNISTA (GERONTOLOGIA):

Sabrina Aparecida da Silva

CONSELHO EDITORIAL (GESTÃO DE RH):

Flávia Lobo

CONSELHO EDITORIAL (TECNOLOGIA):

Felipe Waltrick

COLUNISTA (LONGEVIDADE):

Ricardo Mucci

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:

Beltrina Côrte

EDIÇÃO DE ARTE E DESIGN:

Caio Carraro Gomes da Costa

BANCO DE IMAGENS:

FreePik, Canva, Pexels e Divulgação

DISTRIBUIÇÃO:

Gratuita

CONTATO:

comunicacao@ifractal.com.br



A newsletter AUGE é uma iniciativa de comunicação da iFractal® Desenvolvimento de Software Ltda., criada com o propósito de estabelecer um canal gratuito de informação, com curadoria especializada em conteúdos intergeracionais de relevância social e interesse público. As entrevistas publicadas são cedidas com exclusividade e divulgadas na íntegra, sem qualquer alteração, edição ou adaptação do texto original, sendo seu conteúdo de inteira responsabilidade de seus respectivos autores. As opiniões expressas não refletem, necessariamente, o posicionamento institucional da newsletter AUGE ou da iFractal®. A distribuição do arquivo digital, em formato PDF, é livre e permitida, desde que o material não seja alterado, manipulado, editado ou utilizado fora de seu contexto original. A reprodução parcial desta publicação é autorizada, desde que a fonte seja devidamente citada e os autores corretamente creditados. É expressamente proibida a comercialização, bem como qualquer forma de distribuição condicionada ou vinculada a contrapartida financeira, seja em meio digital, eletrônico ou impresso. Eventuais menções a marcas, produtos ou empresas têm caráter exclusivamente informativo e não configuram, em hipótese alguma, vínculo comercial, publicitário ou institucional.